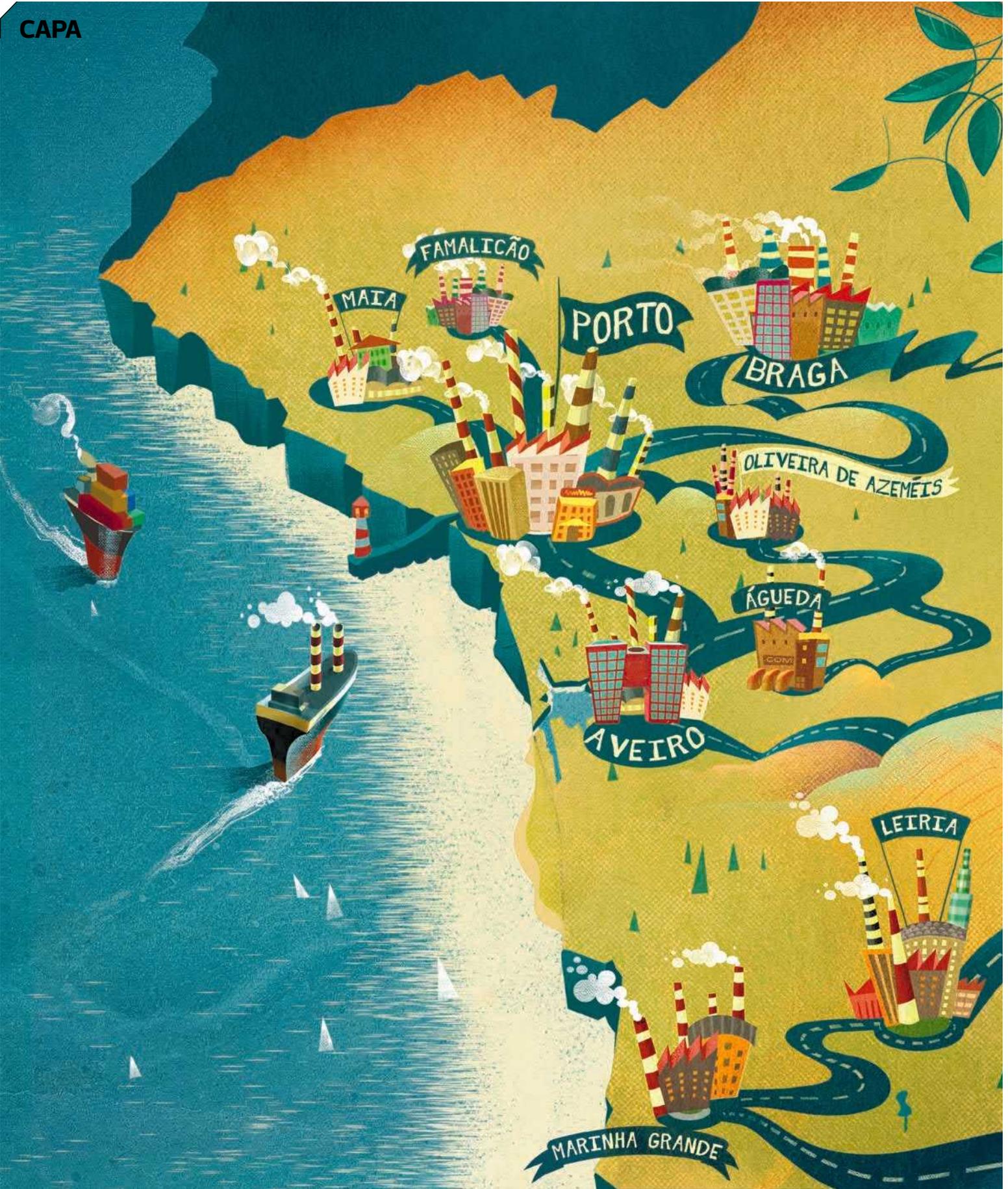


CAPA

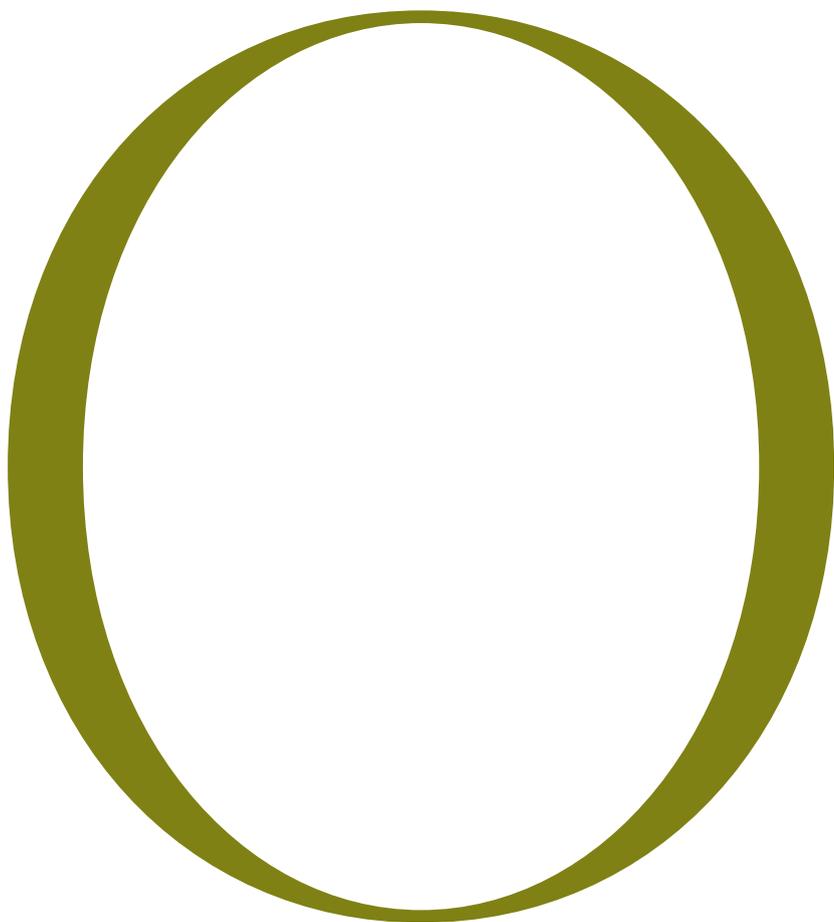




# O Norte é a nossa sorte

Esta é uma viagem pessoal ao Norte Atlântico. Mas qual o motivo que leva um sublisboeta com origens no Sul a ficar fascinado pelo eixo Aveiro-Porto-Braga? Memórias de infância, memórias de outra Lisboa...

Ensaio de **Henrique Raposo**



*O Norte Atlântico, entre Aveiro e o Minho, é o nosso espaço toqueviliano por excelência. É ali que existem laços comunitários gerados nas igrejas. É ali que a família conta a sério, em vida e na morte. Ao contrário dos cemitérios lisboetas e de outras cidades do Sul, os cemitérios nortenhos não são abandonados. É no Norte que existe um associativismo desportivo que se traduz numa hegemonia dos clubes sobre o futebol, o basquetebol, o hóquei, o andebol. É lá que existe uma genuína pulsão empreendedora que se traduz na hegemonia do Norte sobre o sector que nos poderá salvar: os bens transacionáveis destinados à exportação. Sem este Norte, Portugal não seria viável enquanto nação*

---

“Quando entro na fábrica, sinto o chão a tremer; quando entro no banco, não sinto nada.” Esta frase de António Cham-palimaud descreve na perfeição a minha desconfiança epidérmica pelo capitalismo financeiro, que vive na torre de marfim de imparidades e impunidades, e a minha devoção pelo capitalismo industrial, que suja as mãos a fazer coisas. Há um fedor decadente numa sociedade que despreza a indústria em detrimento da finança, protegida por algoritmos impenetráveis; há um odor a ocaso numa civilização que esquece o espírito manufatureiro em detrimento do consumo passivo de produtos importados. Não, não sou contra o comércio livre. Adam Smith estará sempre na minha mesa de cabeceira. Contudo, julgo que a atmosfera pessimista que sentimos no Ocidente em 2016 resulta em parte da nossa desvitalização industrial.

Quando deixámos de produzir coisas, quando nos refugiámos no mundinho higiénico dos serviços, dos *open spaces* e da economia virtual das *apps*, perdemos a pulsão vital, perdemos uma bússola moral, perdemos o norte. A indústria não é apenas um fator económico, também é elemento moral e social. Uma sociedade que desconhece o labor industrial é uma sociedade decadente e egocêntrica; uma civilização que se limita a consumir no conforto da economia dos serviços é uma civilização alienada e apolítica. É alienada porque no final do dia o homem precisa de sentir que fez qualquer coisa de palpável. É apolítica porque só a indústria, seja ela qual for, pode dar chama comunitária à sociedade. A *overdose* de serviços e de trabalho individual ao ecrã de um computador está a desligar-nos uns dos outros. Não é por acaso que os laços de cidadania

estão fracos; não é por acaso que há novos populismos a tentar preencher esse vazio.

Desde garoto que gosto de entrar numa fábrica para ver a transformação da matéria-prima no produto acabado. De onde vem esta tara industrial? O meu pai teve uma fábrica de móveis que também fazia o chão tremer, e ainda hoje adoro cheiros que normalmente repelem as outras pessoas: o cheiro intenso do verniz, o odor característico da cola branca, a atmosfera acre e metálica da sala dos parafusos e, acima de tudo, o cheiro a serradura. Em Lisboa, ainda há pequenas marcenarias que arranjam móveis e cadeiras antigas. Por vezes, entro nestes espaços antigos só para cheirar a serradura, que é um dos grandes gatilhos emocionais da minha memória. Além disso, nasci e cresci numa zona que tinha o chão a tremer 24 sobre 24 horas. Chamo-lhe Margem Norte, mas a maioria das pessoas só reconhece a minha zona quando falo em Cintura Industrial de Lisboa. Este eixo ribeirinho entre Sacavém e Vila Franca de Xira foi um dos motores económicos do país nas décadas de 50, 60, 70 e mesmo 80. Nos anos da minha infância (70 e 80), ainda se trabalhava à grande nesta fornalha industrial. Encostados à A1, à Linha do Norte e ao Tejo, fazíamos um pouco de tudo em fábricas que ainda fumegavam à Dickens: adubos químicos, água oxigenada, carros, detergentes, munições, etc. Quando digo “fazíamos”, não me refiro apenas a esta região, também falo da minha própria família.

Em Sacavém, por exemplo, um tio montava carros e empilhadores na Salvador Caetano, um primo fazia Skip na Lever, vizinhos trabalhavam na Fábrica de Loíça de Sacavém, na Dyrup, na Robbialac ou na Olaio, já na Bobadela. Nomes de fá-

bricas como a Dan-Cake, Sacor, Cavan ou Copam faziam parte do linguagem do meu dia a dia. Brinquei ao lado de espaços fabris, como o estaleiro da Teixeira Duarte, e, acima de tudo, cresci no meio de pessoas que faziam coisas com as mãos ou com tornos, berbequins, maçaricos, pistolas, elétrodos de soldadura, como aqueles que a minha mãe usava para fazer componentes de telefones numa empresa (Mendonça) que ficava perto da Covina.

### **Pela A1 até ao Norte Atlântico**

Escrevi “fazíamos” porque já não fazemos. O chão já não treme como tremia. Quando regresso à minha zona (Santa Iria de Azóia), já não encontro aquele formigueiro operário que me criou. Ainda há uns ecos do antigamente, como a Fima, a irmã alimentar da Lever, a Sidul, a maior refinaria de açúcar do país, ou as OGMA. É pouco. A minha terra, entre Sacavém e Vila Franca, está adormecida. Estamos adormecidos. Nos *media*, só aparecemos como cenário passivo dos relatórios matinais das rádios e televisões sobre o trânsito na A1, “trânsito congestionado na A1 nas saídas para Santa Iria e Bobadela”, “fila nas portagens de Alverca”, etc. Somos um anónimo ponto de passagem. Milhões de pessoas passam por nós todos os anos, mas ninguém nos conhece. Até porque o adormecimento industrial provocou um adormecimento do velho espírito comunitário e, sim, operário. A festa popular do meu bairro (Bairro das Cachoeiras), por exemplo, não se realiza desde 1999 e os clubes da região não passam das catacumbas do desporto nacional. Esta hibernação industrial e social da minha terra é talvez a grande causa do meu crescente fascínio pelo Norte de Portugal, que ando a descobrir pela ►



► mão da minha mulher. É no Norte que reencontro o bulício industrial e comunitário que respirei na infância. Portanto, se não se importam, convido-vos para continuarmos pela A1 em direção ao Norte e ao meu passado.

Antes de avançarmos, quero sublinhar um ponto prévio. Sigo à risca o livro canónico da geografia humana de Portugal *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Neste clássico, Orlando Ribeiro dividiu o país em três regiões: Sul, Norte Interior e Norte Atlântico. Este tríptico choca com a *vulgata* popular e burocrática que determina a existência de um único Norte, que alegadamente une todo o território acima do Douro. Este Norte administrativo não faz sentido. Não faz sentido unir artificialmente Trás-os-Montes ao Minho e Douro Litoral. Existem dois Nortos, não apenas um. Na economia e na cultura há um Norte Interior que une Trás-os-Montes às Beiras Interiores e há um Norte Atlântico que une Minho, Douro Litoral (Porto) e a região de Aveiro quase até Coimbra. Administrativamente, a zona de Aveiro é do Centro, mas esta é uma divisão artificial, que não vê a unidade económica e cultural que Aveiro partilha com o Porto e Braga. Não é por acaso que várias cidades do distrito de Aveiro, como Arouca e,

**Lever** O encerramento desta e de outras fábricas adormeceu o eixo ribeirinho entre Sacavém e Vila Franca de Xira, um dos motores económicos do país nas décadas de 50, 60, 70 e mesmo 80

sobretudo, Oliveira de Azeméis, São João da Madeira, Santa Maria da Feira e Vale de Cambra, estão inseridas na Região Metropolitana do Porto. Existe de facto um eixo Aveiro-Porto-Braga, o eixo do Norte Atlântico. Estes 3,719 milhões de pessoas (1,868 milhões no Porto, 1,116 milhões no Minho, 735 mil em Aveiro) são o grande motor económico do país.

#### A viagem começa no Oeste

No PREC, a linha avançada do Norte começava em Rio Maior. Percebo muito bem essa fronteira política de 1975, porque o meu Norte tem a sua linha avançada numa latitude semelhante. Apesar de ter pouca visibilidade na imprensa, a grande Região Oeste, liderada por Leiria, já é bastante importante no conjunto das exportações. Quando por ali passo, vejo marcas tipicamente nortenhas. Para começar, há religião e conservadorismo comunitário. Sei do que falo, porque no final dos anos 90 a minha banda de *heavy metal* tentou tocar num salão de baile na zona de Pombal. Fomos corridos por populares

em fúria, que viam em nós a personificação de Belzebu. A par desta religiosidade que gerou Fátima, há empreendedorismo industrial. Olhe-se, por exemplo, para a indústria de ponta que é o sector dos moldes, que está em constante crescimento na zona de Leiria e Marinha Grande. Estamos a falar de empresas como a MD Moldes ou a Iberomoldes, de Henrique Neto. Ao todo, há cerca de 500 empresas nacionais neste sector de larguíssima presença nos mercados europeus. Ao longo do seu dia a dia, o cidadão europeu médio dificilmente deixará de tocar em objetos fabricados em parte ou no seu todo através de moldes portugueses. Imaginem, por exemplo, uma família dinamarquesa: é impossível imaginar um dia sem contacto direto entre os moldes portugueses e pelo menos um dos quatro membros desta família. Boa parte das grandes marcas do sector eletrónico (frigoríficos, televisões, telemóveis), do sector motorizado (motas e carros) e de diversos sectores domésticos (cosméticos, higiene, etc.) recorrem aos moldes portugueses para fabricar os seus produtos. Sem surpresa, este sector até já produz para a indústria aeronáutica.

Esta zona não se fica pelos moldes. A Cabopol é um dos maiores exportadores europeus de compostos termoplásticos. ►

## As famílias da Costa Nova sempre atuaram dentro do grande princípio nortenho: produzir e exportar para o exterior, vivendo debaixo da grande competição internacional. Nesta região, o empreendedorismo não é moda, é um modo de vida secular

A Respol exporta derivados de resina (colofónias) destinados ao fabrico de pneus e tintas de impressão. No mundo inteiro, dificilmente encontraremos jornais impressos sem o recurso aos produtos elaborados por esta empresa, que produz 335 dias por ano, em três turnos diários. Enquanto toma o pequeno almoço, a tal família dinamarquesa lê revistas impressas com tecnologia portuguesa. Por sua vez, o Grupo Vangest executa peças para a indústria aeronáutica, caixas para os relógios da Swatch, caixas de materiais para a Domplex e caixas dos berbequins da Black & Decker. Portanto, o pai da nossa família dinamarquesa abre uma caixa portuguesa quando vai fazer bricolagem no jardim ou quando oferece um relógio ao filho. E, já agora, é muito provável que a casa de banho da família dinamarquesa esteja equipada com sanita, bidé, lavatório e banheira portugueses, porque a Roca é a líder mundial do sector de cerâmica de casas de banho. Por falar em lideranças mundiais, a BA Vidros, uma empresa ainda do tempo da minha Covina, é provavelmente a maior potência mundial do vidro.

Quando falo com pessoas desta região, sinto o oposto do que sinto em Coimbra, que é uma cidade que faz lembrar aquele boneco dos Gato Fedorento “eles falam, falam, falam, mas não os vejo a fazer nada”. Apesar de estar mais a sul do que Coimbra, Leiria é mais nortenha na cultura. Aliás, nas últimas presidenciais, Henrique Neto foi o candidato presidencial com um discurso mais próximo de posições liberais e conservadoras. Apesar de ser da Marinha Grande, Neto é aquilo que se chama ‘um homem do Norte’. Peço desculpa pela heterodoxia, mas a Marinha Grande é mesmo o preâmbulo do meu Norte.

Saltando por cima desse *zombie* chamado Coimbra (só Santa Maria da Feira vale mais nas exportações nacionais do que todo o distrito de Coimbra), entramos de facto no Norte Atlântico, cuja fronteira está situada a uns 30 quilómetros a norte de Coimbra, na zona da Bairrada, que é muito mais do que leitão e vinho. Em Cantanhede encontramos o nicho da indústria biomédica, representado pelo Biocant, um centro que acolhe dezenas de empresas. A Converde, por exemplo, exporta um fungicida orgânico único no mundo, feito a partir de tremoços. Na burocracia, Cantanhede faz parte de Coimbra, mas culturalmente já é de Aveiro. Há ali uma agitação empreendedora que se sente até em aldeias como Sepins, onde um tio da minha mulher é um dos produtores de quivis da Kivicoop, cooperativa frutícola da Bairrada. Claro que a agitação bairradina não se fica pela agricultura. A indústria metalomecânica, que faz tremer o chão como nenhuma outra, é fortíssima nesta região. A Fabricela (Cantanhede), por exemplo, é uma das maiores trefilarias da Europa e este vigor metálico prolonga-se ao longo da restante zona da Bairrada (Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro e Águeda) e, sem surpresa, abarca todo o distrito de Aveiro, um dos mais dinâmicos do país.

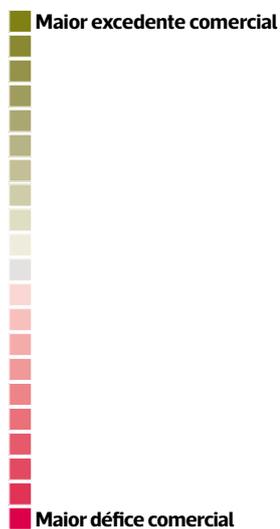
### O modo de vida exportador

Desde o início desta década passo ali as férias de verão (Barra, Costa Nova). O ritual repete-se todos os agostos: a família da minha mulher tira dois ou três dias para me mostrar pequenos grandes motores da pátria, como Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, Ovar, Vagos, Ílhavo, Estarreja, Cacia, Albergaria-a-Velha, Avanca, Vale de Cambra, Sever do Vouga e, cla-

ro, Aveiro. Há uma energia especial neste povo que vive em redor da ria. É uma energia que se sente na agitação marítima do porto que vejo a partir do pontão. É uma energia que se vê no enxame de empresas (quase 7% das empresas portuguesas estão neste distrito). É uma energia que se vê nos números das exportações. Os dados oficiais falam em três mil milhões de euros exportados a partir de Aveiro, o que representaria cerca de 6% do total, mas estas contas pecam por defeito. Nas contas oficiais visíveis no sítio da Pordata, as exportações de Espinho (34 milhões), Arouca (46 milhões) e sobretudo Santa Maria da Feira (1179 milhões), Oliveira de Azeméis (761 milhões), São João da Madeira (500 milhões) e Vale de Cambra (254 milhões) estão incluídas na Área Metropolitana do Porto. Se passarmos estes valores para a zona de Aveiro, verificamos que este distrito representa 5864 milhões de euros nas nossas exportações. Ou seja, 7,35% da população (735 mil aveirenses) conseguem criar 12,2% das exportações totais do país. Um feito que não tem nem uma décima parte da atenção mediática que merece.

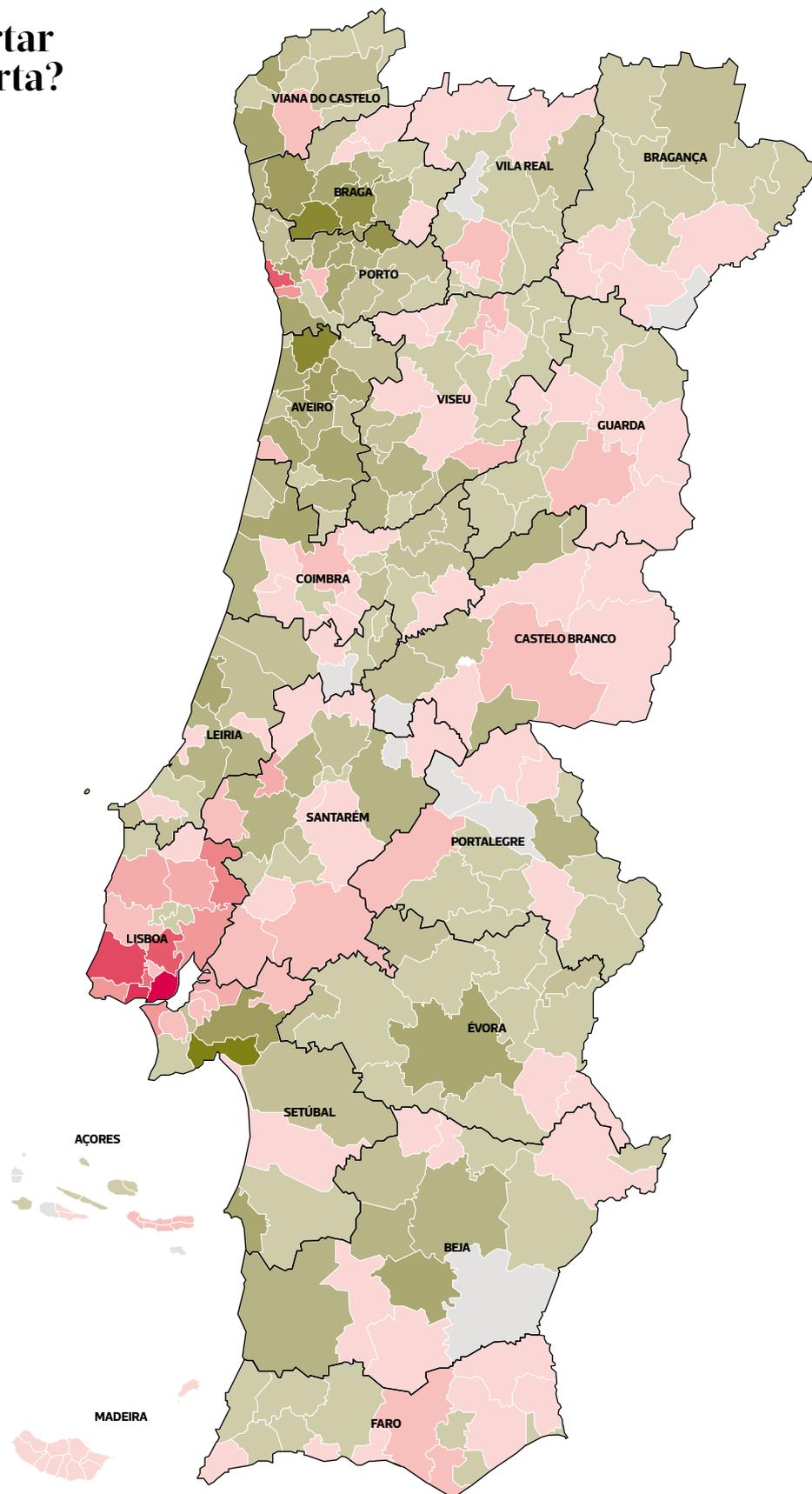
Quando ali estou em agosto, gosto de ir a um dos restaurantes que parece funcionar como cantina veraneante da elite empresarial da região. Falo do Dóri (Costa Nova), a melhor marisqueira do mundo. Sinto o peso do dinheiro. Todavia, ao contrário do que sucede em muitos restaurantes da corte lisboeta, ali também sinto respeito pelo dinheiro. Como já escrevi várias vezes, sinto desprezo pelas fortunas à Espírito Santo, fortunas especulativas criadas na torre de marfim da finança e do favor político. Ao invés, as famílias da Costa Nova sempre viveram fora das negociatas obscuras de Lisboa, sempre atuaram ►

# Quem é capaz de exportar bem mais do que importa?



Quando se confrontam as vendas e as compras de mercadorias ao estrangeiro de cada concelho, torna-se mais nítido que os maiores excedentes comerciais estão mais a norte do que a sul do país. Lisboa pode ser o concelho mais exportador do país, mas também nenhum outro importa como a capital portuguesa que, pelas contas da Pordata, gerou um déficit comercial acima dos dez mil milhões de euros em 2014. Excluindo os polos exportadores de Palmela e Setúbal, é para Norte que se concentram os grandes excedentes comerciais que equilibram as contas externas do país, a começar por Vila Nova de Famalicão, Santa Maria da Feira, Guimarães, Felgueiras, Oliveira de Azeméis, Barcelos, Viana do Castelo, Braga ou Marinha Grande.

Joana Nunes Mateus



FONTE: PORDATA



CAPA

► dentro do grande princípio nortenho: produzir e exportar para o exterior, vivendo debaixo da grande competição internacional. Nesta região, o empreendedorismo não é uma palavra da moda, é um modo de vida secular. Olhe-se, por exemplo, para Oliveira de Azeméis e Santa Maria da Feira. É incrível o que estas pequenas cidades produzem em diversas indústrias.

O curioso é que na imprensa de Lisboa é mais fácil apanhar notícias relativas a sectores mais tradicionais, como calçado e vestuário. Oliveira de Azeméis aparece nos *media* sobretudo por causa dos sapatos de Onofre e as aparições de Santa Maria da Feira são inflacionadas pelos chapéus de feltro exportados para os filmes de Hollywood como *Inimigos Públicos* e *Indiana Jones*. É mais fácil falar destes sectores, porque encaixam melhor na visão caricatural do Portugal atrasado e artesanal que continua a ser do agrado das cabeças queirosianas que dominam Lisboa. Além disso, as indústrias do calçado, do vestuário e do vinho são mais pagináveis e *sexys*, pois permitem títulos como “Rihanna escolhe sapatos portugueses feitos em Oliveira de Azeméis para a sua coleção” ou “Empresa de Santa Maria da Feira coloca chapéus na cabeça de Johnny Depp e Harrison Ford”. Repare-se que não

**Simoldes** Em Oliveira de Azeméis está o maior produtor da Europa no sector dos moldes de aço para plásticos e o maior fornecedor mundial da indústria automóvel.

estou a desprezar a indústria do calçado e do vestuário. Ainda bem que os *stiletto*s da Rihanna foram feitos pela AS Indústria de Calçado e S. O. & Marques. Ainda bem que a Fepsa é uma das três líderes mundiais dos chapéus de feltro, a par da americana Hatco e da checa Tonak. Não coloco o sucesso destas empresas em causa, era só o que faltava. O que critico é a concentração mediática quase caricatural nestes casos. É caricatural porque reduz o tecido empresarial português a sectores fora do perímetro da grande indústria. A Fepsa é um bom exemplo deste défice cognitivo.

Como já disse, aparecem nos jornais dezenas de referências aos chapéus da Fepsa que preenchem cabeças em Hollywood, mas são raríssimas as referências à outra empresa do dono da Fepsa, Ricardo Figueiredo. Também sediada em Santa Maria da Feira, a Flymaster Avionics controla 50% do mercado mundial de aparelhos de navegação para aviação ligeira de lazer. Se for praticante de parapente, o nosso consumidor dinamarquês usa de certeza um GPS fabricado em Santa Maria da Feira.

Portanto, a grande notícia não está na exportação de chapéus ou sapatos, mas na exportação de alta tecnologia, moldes ou estruturas metálicas. De resto, a indústria metalúrgica e metalomecânica exporta mais num mês do que a indústria do calçado num ano. Estamos a falar de um sector que tem porventura o maior centro tecnológico do país, o CATIM (Porto), e uma fileira de empresas impressionante na região de Aveiro. A Pecol (Águeda) é líder ibérica na produção de parafusos, desde os mais minúsculos para a indústria automóvel e eletrónica até às gigantescas cavilhas para a construção civil. A Arsopi e o Grupo Ferpinta (Vale de Cambra) são exportadores de referência de estruturas metálicas. A Prébuild Sports (Ílhavo) é um gigante na produção e exportação de bicicletas. A Miranda e Irmãos (Águeda) é a única empresa europeia a fabricar pedaleiras e travões de bicicletas, ou seja, a bicicleta do nosso dinamarquês tem necessariamente algumas peças feitas em Águeda e até pode ser uma bicicleta 100% portuguesa, porque a Órbita (Águeda) é outra marca de referência no mercado global de bicicletas. E, se andar com o bebé na bicicleta, é quase certo que o dinamarquês comprou a cadeirinha à Polisport (Vale de Cambra), líder europeia na produção de

# A grande notícia não está na exportação de chapéus ou sapatos, mas sim na exportação de alta tecnologia, moldes ou estruturas metálicas. De resto, a indústria metalúrgica e metalomecânica exporta mais num mês do que a indústria do calçado num ano

acessórios de bicicleta através de resinas de alta tecnologia. A Extrusal (Aveiro) exporta caixilharia de alumínio para portas e janelas (as longarinas do Porsche Cayenne são aqui feitas). A Cifial (Santa Maria da Feira) exporta torneiras para todo o mundo. Em Oliveira de Azeméis encontramos aquele que é porventura o líder da fileira, o Grupo Simoldes, o maior produtor da Europa no sector dos moldes de aço para plásticos e o maior a nível mundial a fornecer a indústria automóvel. Ao lado, a Oliveira e Irmãos é o principal produtor europeu de autoclismos, ou seja, é muito provável que o tal dinamarquês use tecnologia portuguesa na sua higiene pessoal logo de manhã. E, já que estamos na casa de banho do nosso dinamarquês, convém sublinhar que, depois de despejar o autoclismo, é muito provável que ele lave os dentes e coloque desodorizante através de tecnologia desenvolvida em Vale de Cambra – a Colep é uma das grandes produtoras europeias de embalagens metálicas: marcas como a L’Oreal, Colgate e Avon colocam os seus produtos dentro das embalagens da Colep, que só tem duas rivais no mundo, a americana Kik e a francesa Fareva.

## Paragem obrigatória em Aveiro

Se for dono de um Audi, Volkswagen, Fiat ou Mitsubishi, o nosso amigo dinamarquês muito provavelmente terá tecnologia de Oliveira de Azeméis na garagem. É a Aspock Portugal que constrói a imensa ourivesaria luminosa que é o sistema de luzes de alguns automóveis destas marcas. E a Aspock, claro, é apenas uma das empresas da fileira automóvel desta região. Em São João da Madeira, a Faurecia tem três fábricas exportadoras de componentes e a Renault está em Cacia. E em Ovar

encontramos uma fábrica da Salvador Caetano que de imediato toca na minha memória. Como disse há pouco, a fábrica da Salvador Caetano em Sacavém é um dos cenários da minha infância e aquele fato-macaco azul com dísticos da Salvador Caetano e da Toyota será sempre uma mnemónica afetiva cá de casa. O que eu não sabia é que a Salvador Caetano produzia em Ovar a Toyota Dyna, a carrinha que o meu pai utilizou durante décadas na sua fábrica de móveis na Póvoa de Santo Adrião. Através das palavras Toyota Dyna eu poderia recriar toda a minha infância: cheguei vezes sem conta à escola naquela Toyota Dyna 150; quando ia montar cozinhas, substituindo um dos empregados, ia lá atrás na caixa fechada junto dos móveis; a minha primeira mudança de casa, já como adulto, ainda foi feita na Dyna. Hoje em dia, a fábrica deixou a Dyna e participa na produção do Land Cruiser série 70, que é exportado para a África do Sul.

Aveiro não se fica pelo metal, também dá cartas no sector da cerâmica industrial (Gresart, Recer, Revigrés, Aleluia) e no sector químico. Quando se passa por Vagos, Estarreja ou Cacia, sente-se no ar o cheiro da indústria. É o cheiro que conheço bem de Santa Iria de Azóia ou de Sines. Certos olfatos ambientalistas ficam incomodados. É verdade que não é o melhor aroma do mundo, mas é um indicador de labor e emprego. Em Sines é o cheiro do complexo industrial que empregava e que empregará familiares. Em Santa Iria era o cheiro de dezenas de fábricas que empregavam vizinhos e familiares. Ali, em Aveiro, é o cheiro da Mistolin (Vagos), que tenta concorrer com os gigantes internacionais dos produtos de limpeza. É o cheiro da Cires (Avanca), que exporta resinas

sintéticas. É o cheiro da CUF (Estarreja), que exporta químicos industriais, como anilina, cloro-álcalis, sulfato de alumínio, ou da Dow Portugal (Estarreja), que exporta metil difenil isocianato, matéria-prima fundamental na produção de espumas rígidas de poliuretano. É o cheiro da pasta de papel da Portucel/Navigator Company, a maior produtora da Europa de papel de escritório – o nosso dinamarquês utiliza de certeza papel de Cacia no seu escritório em Copenhaga.

Claro que o sector químico não é monopólio de Aveiro. Mais a sul, já vimos que há empresas químicas, como a Respol, e mais a norte também encontramos uma fileira interessante. Em Santo Tirso, a Casfil exporta película flexível para alimentos, feita a partir de granulado de polipropileno e polietileno. Em Valongo, a Colquímica, um dos dez maiores produtores de cola da Europa, exporta esta substância em 200 formas diferentes. Na Maia, a CIN já é o maior produtor ibérico de tintas. Em Viana do Castelo, a Europac já é a quarta produtora europeia de papel *kraftliner* (embalagens de cartão).

## Rumo ao pulmão da nação

O sector metalomecânico e o sector químico são particularmente interessantes, porque mostram um Portugal sofisticado e industrial, que foge à caricatura do país bucólico e artesanal. Quando as televisões ou os jornais lisboetas abordam esta zona de Aveiro, têm uma tendência natural para falar dos ovos moles, dos passeios na ria ou da Vista Alegre, empresa que nos remete para o Portugal do bilhete postal do antigamente. Não estou a pôr em causa a recuperação notável da Vista Alegre. Aliás, escrevi esta viagem nortenha ►

## Dentro da caricatura habitual do Portugalzinho atrasado e subdesenvolvido, é quase impossível acreditar que empresas de grandes potenciais industriais importam máquinas feitas em Portugal para depois produzirem os seus bens de consumo

► ao sabor de café bebido em chávenas Vista Alegre, que compro todos os anos em Ílhavo (parto várias por ano no teclado).

Claro que gosto de ver a Vista Alegre a partir a loiça no mercado global da porcelana de luxo! Tal como gosto de saber que a Santos e Santos (Santa Maria da Feira) exporta sapatos de luxo feitos à mão por artesãos portugueses, tal como gosto de saber que a Ach Brito (Vila do Conde) é uma emergente marca no sector de luxo da higiene pessoal, tal como gosto de saber que a Laranjinha (Porto), a Dr Kids (Vila Boa de Quires) e a Patachou (Felgueiras) dão cartas no sector da roupa infantil de luxo. Mas – volto a repetir – o meu ponto é outro: Portugal é um país industrial com enormes fileiras de ponta, que se notabilizam pela sofisticação química e pela precisão cirúrgica. Precisão é uma palavra que nós, portugueses, não estamos habituados a colocar ao lado da palavra Portugal. Falamos em precisão suíça ou alemã e nunca na precisão portuguesa. Em consequência, nunca associamos Portugal a químicos complicados, como metil difenil isocianato ou poliuretano; assumimos que a nossa vocação é só encher chouriços, fazer Queijo da Serra ou viver do turismo de praia.

Já é tempo de repensarmos esta semântica autodepreciativa. Todos os comboios da Alemanha circulam com peças feitas pelo sector metalúrgico português; nos sectores do calçado, da pedra e do agroalimentar de França e do Golfo Pérsico há máquinas de corte por jato de água feitas em Portugal; o *made in Portugal* é sinónimo de qualidade no mercado das agulhas médicas; só há duas empresas no mundo com capacidade para instalar peças de elevada precisão em poços de

petróleo *offshore* a vários quilómetros de profundidade – uma delas é portuguesa.

O sector metalúrgico é ainda interessante por uma razão adicional: mostra que Portugal não exporta apenas bens de consumo, mas também bens de capital, isto é, máquinas. Dentro da caricatura habitual do Portugalzinho atrasado e subdesenvolvido, é quase impossível acreditar que empresas de grandes potências industriais importam máquinas feitas em Portugal para depois produzirem os seus bens de consumo. Mas essa é a verdade. A sublínea máquinas é fundamental no quadro das nossas exportações – facto que nos abre a porta do distrito do Porto. Olhe-se, por exemplo, para a Adira, empresa que constrói máquinas-ferramentas como a Greenbender, que foi considerada uma revolução na quinagem. O que é a quinagem? No mundo intoxicado pela linguagem virtual das aplicações e *software*, conceitos como quinagem são estranhos, mas não é difícil compreender a natureza deste processo que dobra a chapa de metal até à obtenção de superfícies de geometria cilíndrica, cónica ou retangular. Não há estruturas metálicas sem quinagem.

Se a Adira constrói máquinas para o sector metalomecânico, a AC Costura (Lousada) e a Wondermatic (Santo Tirso) constroem máquinas para a indústria têxtil. A ACSew 3000, por exemplo, reduz em 45% o tempo de costura das pregas. Por sua vez, a Frezite constrói máquinas de corte de madeira para o IKEA e máquinas-ferramentas com uma precisão à escala micrométrica (milésima parte do milímetro). Já a Advanced Cyclone Systems constrói ciclones de ponta. Estes ciclones são os mecanismos que operam dentro das condutas de ar, permitindo a limpeza do

ar e a recolha de materiais (poeiras nanométricas), que depois podem ser reutilizados. Na Maia, o concelho mais exportador da região (1340 milhões), a Multiwave elabora sistemas de laser para clientes como a NASA, Samsung, Lockheed Martin, LG, Hitachi, e a Laborial exporta mobiliário inteligente para laboratórios e hospitais.

### A sofisticação do Porto

Como é óbvio, a exportação de máquinas não é exclusiva do distrito do Porto. Em todo o eixo Leiria-Aveiro-Porto encontramos exportadores de máquinas. O Grupo Poço (Leiria) exporta máquinas para 60 países. Por exemplo, uma das empresas deste grupo, a Periplast, idealizou e construiu a única unidade do mundo capaz de produzir plástico com cinco camadas. Em Águeda, a Ramalhos exporta fornos industriais, que fornecem padarias e pastelarias por todo o mundo. Seja como for, o distrito do Porto é mesmo o grande pulmão industrial da nação. Se juntarmos os valores da Área Metropolitana do Porto (sem as cidades de Aveiro) com os valores da região Tâmega-Sousa, ficamos com 8218 milhões de euros de exportações para o Douro Litoral – 17% das exportações nacionais. Não é por acaso que a COTEC tem sede no Porto. Não é por acaso que a Frulact e a Bial nasceram nesta região. Não é por acaso que aquela que é provavelmente a empresa têxtil mais surpreendente do mundo nasceu entre o Douro e o Tâmega. Falo da Petrutex, empresa pacense que funde o têxtil com altíssima tecnologia. Por exemplo, concebeu um fato de banho supersónico para a Speedo – o LZR-Racer revolucionou a natação devido à reduzida fricção na água possibilitada pela ausência de costuras; as diversas peças do fato ►

► são cosidas através de uma tecnologia de ultrassons (Nosew) patenteada em Portugal. Sim, é verdade: os recordes de Michael Phelps começaram em Paços de Ferreira...

Também não é por acaso que a região portuense acolhe gigantes mundiais da cordoaria. Na Maia, a Euronete é líder mundial na produção de redes para a indústria pesqueira e começa a entrar no mercado do têxtil técnico através de produtos ultrassofisticados, como a Pure Blast Basket, uma fibra antibalística com potencial de exportação gigantesco. A Euronete patenteou ainda outra fibra que parece saída da ficção científica – a Bio Twine, que foi desenvolvida a partir de açúcar de milho completamente natural e biodegradável, sendo por isso ideal para a agricultura. Em Vila Nova de Gaia, a Cotesi, da família Violas, é líder mundial da produção de fio agrícola e que também já tem presença no mercado náutico; um pouco mais a sul, a Cordex (Esmoriz) opera a maior máquina do mundo de cordoaria sintética.

Os exemplos mais emblemáticos desta sofisticação portuense são porventura a EFACEC e o CEIIA. A EFACEC faz os Ferraris dos equipamentos eletrónicos. A empresa que ilumina Las Vegas, a Nevada Power, só confia nos transformadores elétricos fornecidos pela EFACEC, que é a única empresa do mundo capaz de produzir transformadores de grandes dimensões (dezenas de toneladas). Em consequência, esta empresa de Matosinhos é uma das seis à escala global que consegue produzir transformadores para centrais nucleares. Também em Matosinhos encontramos o CEIIA (Centro para a Excelência e Inovação da Indústria Automóvel), que eu conheci



**AEP** Uma das vozes do Norte está na Associação Empresarial de Portugal: Paulo Nunes de Almeida, o seu presidente

## A CULPA DO NORTE

O Norte tem de se fazer ouvir em Lisboa. Não pode responder ao esnobismo alfacinha com um contraesnobismo. Há que 'cair' sobre a capital

O esquecimento do Norte não se deve apenas aos preconceitos ideológicos e esnobes de Lisboa. Os próprios nortenhos têm culpas neste cartório. Em primeiro lugar, estamos a falar de empresas que exportam para o exterior; logo, estão menos dependentes do mercado interno, logo, apostam menos na publicidade nos jornais e televisões, logo, tornam-se quase invisíveis para o grande público.

Poder-me-ão acusar de estar a ser advogado em causa própria, mas a verdade é que estas empresas do

Norte deviam compreender uma simples matemática emocional: se querem ter influência mediática e, por arrastamento, política, têm de fazer investimentos em publicidade em Portugal. Mas não é isso um desperdício, visto que os mercados destas empresas estão no estrangeiro?

Não. Este investimento publicitário devia ser visto como uma campanha de *soft power*. Em segundo lugar, existe um certo medo do destaque. O empresário nortenho tem receio de ser retratado dentro da linha neorrealista – o vil explorador

que compra um Ferrari em vez de aumentar os empregados – e também tem medo de atrair as atenções de fiscais e da carga fiscal. Se há uma peça jornalística sobre o sucesso da empresa xis, essa empresa fica debaixo dos holofotes do fisco e do batalhão de fiscais de milhares entidades fiscalizadoras. Em terceiro lugar, não há um órgão cultural e jornalístico que apresente a narrativa do Norte. Com o devido respeito, o *Jornal de Notícias* e o Porto Canal não são suficientes. Em paralelo, o Norte não tem peso institucional. Manuel Serrão afirma que uma das vozes do Norte é Paulo Nunes de Almeida, presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP). Mas quem é que conhece Paulo Nunes de Almeida? Eu, confesso, tive de ir ver quem era, e não sou propriamente uma pessoa desinformada. Toda a gente em Portugal sabe quem são as vozes da despesa pública e dos lóbis da corte, toda a gente sabe quem é Mário Nogueira, Ana Avóila, Arménio Carlos e toda a gente sabia quem era Ricardo Salgado ou Henrique Granadeiro, mas o público em geral não sabe quem é Paulo Nunes de Almeida. Este perfil silencioso do ‘patrão dos patrões’ do Norte revela uma fraqueza absurda do Norte produtor e exportador perante as clientelas de Lisboa. E este desequilíbrio mediático explica, em parte, o problema estrutural do país: só se fala de quem gasta a despesa, não se fala de quem gere a receita. Como dizia Vergílio Ferreira: “Jamais na Assembleia se discutiu o problema principal do país,

## **ESTAS EMPRESAS EXPORTAM E ESTÃO MENOS DEPENDENTES DO MERCADO INTERNO, LOGO APOSTAM MENOS NA PUBLICIDADE NOS JORNAIS E TELEVISÕES E TORNAM-SE QUASE INVISÍVEIS PARA O GRANDE PÚBLICO**

que é como criar riqueza. O que se discute é como distribuir riqueza. Como se houvesse um monte dela e a questão fosse apenas a sua divisão...” Se existisse uma AEP forte em representação deste eixo Aveiro-Porto-Braga e se esta associação tivesse de facto uma voz poderosa e mediática, um Pinto da Costa da economia, estou certo de que viveríamos num país diferente. Em quarto lugar, o desconhecimento em relação ao Norte também se explica pelo absurdo individualismo dos empresários. Como já vimos, uma parte do sucesso do Norte está relacionado com o legado familiar – a empresa faz parte da família. Mas, como todas as virtudes, este amor familiar tem o seu lado negro: o individualismo, que impede o associativismo e as fusões que permitiriam ganhar prestígio e escala. **E**

ainda nas instalações da Maia. Quando ali entrei, percebi pela primeira vez o chavão “o futuro inventa-se”. Vi peças de automóveis futurísticos da BMW, sistemas operativos da maior barragem do mundo, carros elétricos que encantam a Escandinávia e bicicletas do futuro. O CEIIA começou na indústria automóvel, prepara-se para entrar no campo dos drones de exploração subaquática e é líder mundial em sistemas inteligentes de energia. Por outras palavras, longe vai o tempo em que marcas como a Ferrari tinham vergonha de colocar CEIIA e *made in Portugal* nos créditos finais de um produto. Hoje em dia, a marca CEIIA valoriza qualquer produto, e marcas como a Renault e BMW abrem os seus protocolos aos engenheiros desta empresa portuguesa. O CEIIA representa ainda o nascimento fulgurante nos últimos anos do sector aeronáutico em Portugal. Já participou na produção de helicópteros da Agusta e de caças da Dassault e está envolvido na construção do cargueiro militar da Embraer, o KC-390. Ao lado, em Vila Nova de Gaia, a Salvador Caetano abriu uma fábrica de componentes aeronáuticos. A Frezite também entrou no mercado aeronáutico. Se o nosso dinamarquês viajar num avião da Lockheed ou num Airbus, uma percentagem da sua segurança poderá resultar do trabalho desta empresa da Trofa, que participa na produção de fuselagens e motores.

O Porto também faz parte da revolução 4.0. A Farfetch é um possível unicórnio; a MuchBeta vende *software* para empresas de todo o mundo; a Ndrive é uma das líderes mundiais em *software* de identificação; a Critical Manufacturing cria *software* para robôs de fábricas, exportando para empresas americanas e para a **►**

## O mapa dos investimentos do Portugal 2020 acima dos cinco milhões de euros sublinha na perfeição o percurso geográfico aqui esboçado. É claríssimo que a esmagadora maioria dos investimentos surge na faixa entre Aveiro e Viana do Castelo

► ASE (Taiwan), que é só o maior produtor mundial de *chips*; a Ebankit é uma das *fintech* mais interessantes do mundo; a Alert exporta *software* clínico que liberta os hospitais de qualquer tipo de papelada – o Alert Paper Free já está espalhado por dezenas de países, centenas de instituições médicas e milhares de médicos e enfermeiros. Quando passa pelo hospital de Copenhaga, é muito provável que o nosso dinamarquês seja literalmente atendido por um algoritmo informático concebido em Vila Nova de Gaia. Não, não é piada – uma empresa de Gaia está a exportar um conceito de medicina.

Esta fileira ligada à saúde já representa cerca de 1,2 mil milhões de euros nas exportações. Para se ter uma ideia da importância deste sector que vive da precisão tecnológica, basta recordar que o ultrabadalado sector dos vinhos exporta apenas 725 milhões. Estamos a falar de um sector formado por empresas de *software* médico, por farmacêuticas, por empresas de compressas, pensos e ligas, como a ADA (Paços de Ferreira), por fábricas de agulhas e seringas, por empresas de biotecnologia, como a CGC Genetics (Porto). Desta forma fica mais uma vez evidente o problema de autorrepresentação da cultura portuguesa: os sectores mais tradicionais e de baixa tecnologia (vinho) recolhem a esmagadora atenção dos *media* e dominam as representações que os portugueses fazem sobre si próprios e, por conseguinte, os sectores de ponta e com maior peso nas exportações (indústria da saúde, indústria dos moldes, indústria metalúrgica e química) não entram na autorrepresentação da nossa sociedade. É como se os portugueses gostassem da ideia de viver num país atrasado; aceitam a ideia do artesão

português a coser sapatos ou do enólogo a provar vinhos, mas ficam desconfortáveis perante o sucesso do técnico ou engenheiro português na área do *software* ou da precisão industrial.

É por isso que o público português quase nunca aceita à primeira um facto insofismável: Portugal é, desde 2007, um exportador líquido de tecnologia, a nossa balança tecnológica está no verde, exportamos mais tecnologia do que aquela que importamos. É o resultado de um investimento em I&D das empresas e de algumas universidades, como as Universidades do Minho e de Aveiro. Ao nível da produção de patentes, estas duas instituições académicas do Norte só ficam atrás do Técnico de Lisboa. Entre 2001 e 2010, a Universidade do Minho tentou a obtenção de 87 patentes e conseguiu 62. E a universidade minhota é mesmo o melhor portal de acesso à derradeira etapa desta nossa viagem – o Minho. Em 2012, já tinham saído deste ecossistema universitário cerca de 115 empresas, que criaram 2200 postos de trabalho e um volume de faturação de 360 milhões de euros.

### Em direção ao Minho 4.0

O Minho continua a ser aquilo que Orlando Ribeiro e José Mattoso encontraram em tempos remotos: um formigueiro humano que cruza religião, espírito familiar e empreendedorismo. Basta pensar em Vila Nova de Famalicão, que representa quase 3,7% das exportações de Portugal. Basta pensar na Spark Agency (Braga), do eléctrico Miguel Gonçalves, um dos homens que canaliza a energia empreendedora do Norte para os seus famosos *pitchcamps*, que ligam o mundo empresarial aos estudantes e desempregados. Basta pensar na

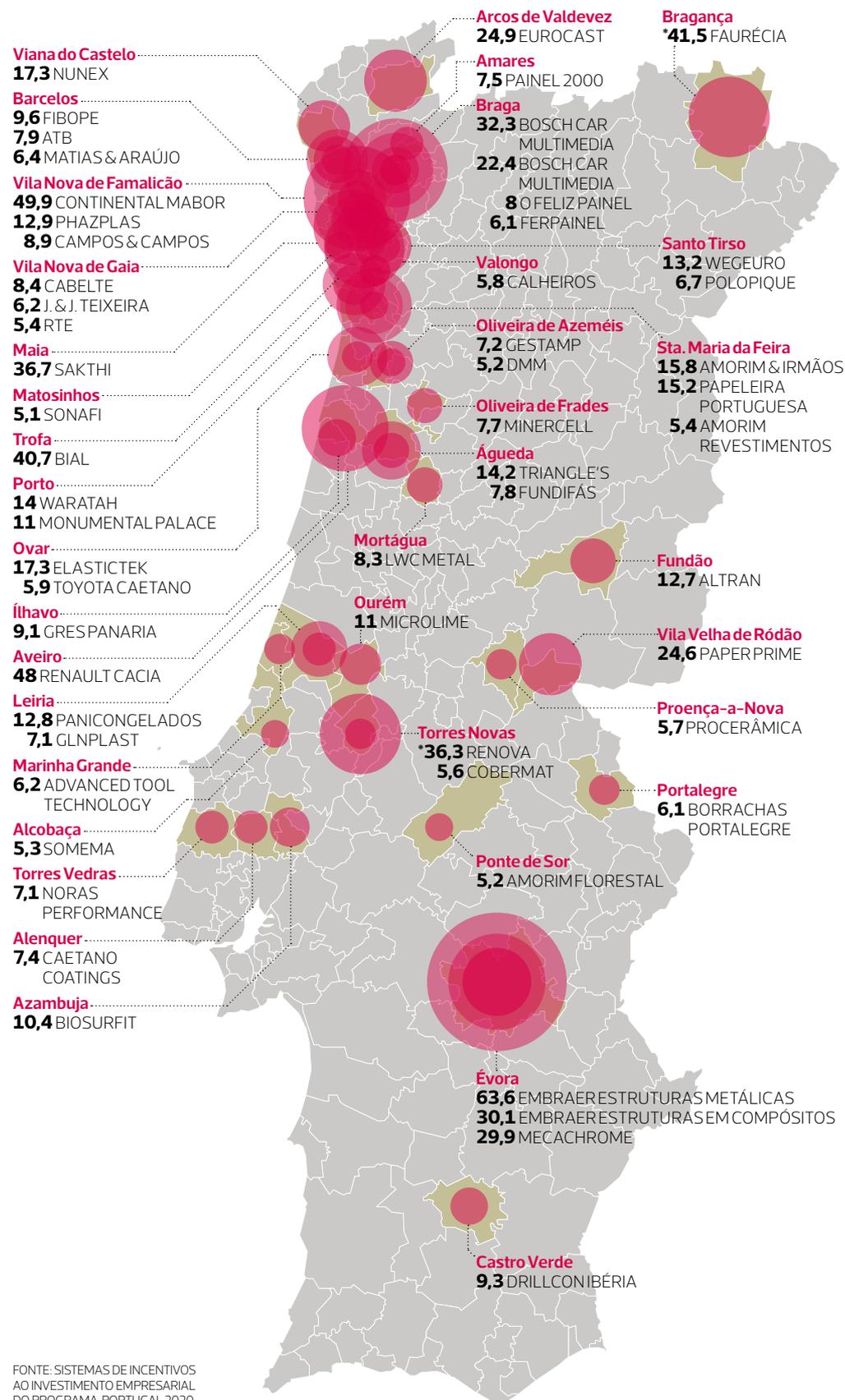
Startup/Invest Braga, liderada por Carlos Oliveira, o homem que fez uma empresa com cinco mil euros (Mobicomp, *software* de proteção de telemóveis) e que acabaria por ser comprada por 28 milhões de euros pela Microsoft. Só através desta incubadora espera-se um investimento de 360 milhões em Braga. A *start-up* mais promissora desta incubadora nem sequer está relacionada com o mercado das aplicações, mas com um campo que já abordámos: a tecnologia da saúde. A PeekMed entrou no mercado global com um *software* que ajuda ortopedistas a planearem cirurgias em 3D. Já chega a todo o mundo, de Espanha à Índia, passando pela Universidade de Austin (Texas).

Fora da proteção desta incubadora existem empresas minhotas da geração 4.0 instaladas no mercado global. A F3M foi das primeiras, e hoje emprega quase 120 pessoas e tem clientes espalhados pelo mundo. A WeDo é basicamente uma fábrica de *software* do imenso mercado global, sobretudo na área de gestão de receitas (trabalha com os gigantes do retalho mundial). A Edigma espalha pelo mundo uma tecnologia que traz o filme *Relatório Minoritário* para o nosso dia a dia: através de uma película revolucionária, consegue transformar qualquer superfície num *touchscreen*. Da mesma forma que Steve Jobs e Gates inovaram ao criar as “janelas”, a Edigma pode estar a participar na morte do rato e do teclado através desta superfície quase mágica. A Biomode colocou um pé num grande mercado emergente: a detecção rápida de bactérias. Se o nosso dinamarquês quiser filtrar o *e-mail* da filha, poderá contar com bloqueadores e filtros que a Seegno exporta. Tendo em conta esta pujança tecnológica do Minho, não ►

## Quem atrai os maiores projetos do Portugal 2020?

Quando se posicionam no mapa os investimentos acima dos cinco milhões de euros patrocinados pelos fundos europeus do Portugal 2020 torna-se evidente que concelhos estão a atrair os maiores projetos empresariais no país. A concentração não podia ser mais óbvia, até porque os fundos europeus se destinam sobretudo às regiões menos desenvolvidas do Norte, Centro e Alentejo. Só o cluster aeronáutico de Évora consegue rivalizar com a estreita faixa mais a litoral e a Norte do país que concentra dois em cada três dos maiores investimentos. Nesta faixa do mapa, que sobe de Águeda e Mortágua, na região Centro, até Viana do Castelo e Arcos de Valdevez, na região Norte, concentram-se perto de quatro dezenas destes maiores projetos que, no seu conjunto, superam os 500 milhões de euros de novo investimento no país.

Joana Nunes Mateus



FONTE: SISTEMAS DE INCENTIVOS AO INVESTIMENTO EMPRESARIAL DO PROGRAMA PORTUGAL 2020

## CAPA



► surpreende que a Bosch tenha escolhido a Universidade do Minho para instalar um polo de investigação tecnológica que naturalmente trabalha em articulação com as inúmeras fábricas que o grupo alemão tem ao longo deste Norte Atlântico. Em Ovar produz sistemas de segurança, em Aveiro monta os esquentadores Vulcano, em Braga fabrica componentes de alta tecnologia para o sector automóvel (sistemas de som e de navegação). A Bosch é apenas a líder da impressionante fileira eletrónica e metalomecânica que marca o dia a dia das vilas e cidades minhotas.

Além de ter o nome mais feliz das dezenas de empresas que menciono neste texto, O Feliz (Braga) é um ator interessante na transformação do aço. A Soft Coatings (Ribeirão) produz peças por injeção de plástico para três marcas automóveis: Mercedes, Jaguar, Land Rover. A Critical Materials (Braga) é a única empresa portuguesa a participar no projeto Smart Intelligent Airframe Structures, liderado pela Airbus. A PartTeam produz soluções tecnológicas para vários ambientes: relógios de ponto para fábricas, cancelas de entrada no metro, quiosques multimédia que várias cidades espalham pelas ruas; vende estas soluções para a Nespresso, Siemens, Fiat, Bosch e Toyota. A Amob faz máquinas

**CEIIA** Não são apenas os automóveis do futuro que se inventam em Matosinhos, no Centro para a Excelência e Inovação na Indústria Automóvel

únicas no mundo para a indústria química e aeronáutica: a MAH 1000, por exemplo, é a maior máquina hidráulica de arquear metal do mundo. A Amtrol-Alfa é o maior produtor mundial de cilindros de ligas compósitas muito leves, isto é, garrafas de gás domésticas ou industriais. E, para terminar, não posso esquecer o enorme sector de componentes para automóveis (Safebag, Dalphi, Borgwarner, Gestamp, Grupo Antolín), com particular destaque para os pneus (Continental) e para as empresas têxteis (TMG, Coindu) que deram um salto na cadeia de valor – em vez de vestirem pessoas, vestem automóveis topo de gama. É muito provável que o carro do nosso amigo dinamarquês seja ‘calçado’ (pneus) e ‘vestido’ (estofos) no Minho.

O caso mais emblemático do poder industrial do Minho é a Leica. A Bosch, a Continental e a Coindu são as mais poderosas em termos de valor, mas a Leica é poderosíssima em termos simbólicos. A marca mais prestigiada do mundo no campo das câmaras fotográficas e binóculos recusa sair da sua fábrica de Famação, porque tem uma confiança absoluta

no saber acumulado pelos técnicos portugueses. É a precisão portuguesa que está a montante da famosa precisão germânica. E podia passar o resto do dia a falar de precisão minhota: a Caixiave é o grande produtor europeu de janelas e portas em PVC com uma etiqueta energética única; a japonesa Tesco faz peças de alumínio de alta precisão para automóveis em Famação; a CCL-Plásticos fabrica moldes de altíssima precisão para a indústria automóvel, indústria de defesa e saúde; a Navarra é um gigante europeu no tratamento e utilização do alumínio; a Browning fabrica caçadeiras em Viana, cidade que também acolhe a Enercon, que constrói os moinhos da energia eólica. Todo este poderio tecnológico é sublinhado, como já vimos, pela Universidade do Minho, pela Startup Braga, mas também pelo CeNTI, centro de investigação no campo da nanotecnologia que serve diversas indústrias, e pelo Citi-ve, centro de investigação da grande fileira têxtil. Na sua grande maioria, as quatro mil empresas do sector têxtil nacional estão espalhadas pelo Ave, Sousa e Cávado. Exemplos? Vamos imaginar uma noite de gala do nosso dinamarquês... Se vestir um fato Armani ou Prada, é provável que esteja a sentir um tecido fabricado pela Riopelle (Joane); os botões do casaco e das ►

## CAPA



**Polopique** O mundo inteiro conhece a Zara, mas nem os portugueses sabem qual é a grande exportadora nacional que fornece em silêncio o Grupo Inditex

# PARA QUANDO A NOSSA ZARA?

A desconfiança e o individualismo dos empresários nortenhos impede a formação de marcas portuguesas com escala global. Para quê tanta divisão?

Sem escala não há marcas globais. Quantas empresas existem em Portugal de componentes de automóveis? Provavelmente centenas. Porque é que não há fusões dentro do meio, no sentido da escala e prestígio? O mesmo pode ser dito sobre qualquer outro sector, dos vinhos à informática. Se temos milhares e milhares de empresas do sector têxtil, porque é que não há um movimento de concentração no sentido da criação de marcas internacionais?

Neste viagem virtual encontrei sempre um padrão: empresas portuguesas fazem componentes essenciais de produtos de ponta de empresas estrangeiras. É por isso que fui falando do tal dinamarquês que toca diariamente em tecnologia portuguesa sem o saber. Ora, é preciso dar o passo seguinte e forçar esse dinamarquês a perceber que está a comprar produtos *made in* Portugal. Por exemplo, se for nadador, o nosso dinamarquês também utiliza certamente

o fato de banho da Speedo, feito em Paços de Ferreira pela Petratex. É verdade que a Speedo permite o *made in* Portugal nos fatos, o que já é um avanço, mas porque é que a Petratex não se junta a outras empresas para assim erguermos a nossa Speedo? Passa-se o mesmo no mundo do atletismo. Usain Bolt veste Puma, mas aquele fato da seleção da Jamaica é feito com uma malha especial da LMA (Santo Tirso), que depois é cosida pela P&R, novamente com um sistema de colagem ultrassónica que dispensa o corte e a costura. Porque é que a Petratex, a P&R e a LMA não se fundem para assim iniciarem a sua própria marca, capaz de entrar no terreno das Puma e Speedo? Porque não transformar o nome da tecnologia revolucionária de colagem de tecido ultrassónica

– Nosew – numa marca internacional? O mundo inteiro conhece a Zara, mas nem os portugueses sabem o que é a Polopique – uma das grandes exportadoras portuguesas, que fornece em silêncio a Zara. Ou seja, a mulher do dinamarquês está a vestir roupa portuguesa, apesar de a etiqueta ser espanhola. Porque é que não podemos pensar na nossa Zara? Se as marcas *premium*, do casaco Armani até ao fato de banho Speedo, são *made in* Portugal, porque é que não avançamos para marcas próprias? Este objetivo não é assim tão quimérico como à partida pode parecer. Repare-se no exemplo da já falada Impetus ou da Cutipol, que opera num sector de luxo, a cutelaria. Esta empresa de Guimarães vendia faqueiros de luxo para outras marcas, como a Christofle, mas resolveu dar

o salto para a marca própria e para o *made in Portugal*. Ganhou clientes por todo o mundo. E há mais exemplos. A grande marca mundial de caiaques é de Vila do Conde (Nelo, Vila do Conde) e a Indústria e Comércio de Calçado (Guimarães) apostou na alta tecnologia (18 patentes registadas) do calçado profissional através de marcas próprias, como a Lavoro e a No Risk, que estão no top 10 das marcas de calçado de segurança. Ou seja, se for trabalhador da construção civil, bombeiro, polícia, lenhador, eletricitista, trabalhador de plataformas petrolíferas, médico ou almeida, o nosso dinamarquês usa, já usou ou usará calçado português durante o expediente.

#### **Faltam marcas globais**

Claro que a construção de uma marca global é difícil, mas torna-se impossível a partir do momento em que os empresários nortenhos não são capazes de vencer o seu individualismo, que cria dispersão, e não força. Veja-se, por exemplo, o sector dos colchões na zona de Aveiro. Padrões e ex-empregados competem uns com os outros numa sucessão de empresas que enfraquecem a fileira. Em São João da Madeira temos a Molaflex e a Almeida & Peres. Em Ovar, temos a Flex 2000 (uma das maiores fábricas de espuma da Europa). Em Avanca, temos a Joviflex. Em Santa Maria da Feira, temos a Flexidream, a Colreis e a Soundsleep. Em Oliveira de Azeméis, há a Colmol, a Dormiflex e a Tecniflex. E temos ainda a Britoflex, em Arouca, e a Mindol, em Vale de Cambra.

Se entrassem numa rota de fusões, se juntassem forças numa única marca, estas empresas criariam uma empresa/marca líder do mercado mundial. Claro que todas estas organizações correspondem a esforços legítimos dos seus proprietários – não é isso que estou a questionar. O meu ponto é outro: quando observamos esta dispersão de forças, é impossível não pensar que Portugal, em geral, e o Norte, em particular, não criam escala e marcas globais por culpa própria.

Felizmente, já há alguns sintomas de mudança. Além das marcas que já salientei, gostava de destacar a HiGlobal, ator fundamental no negócio da construção hoteleira, que resulta da associação de várias empresas deste Norte Atlântico: Móveis Viriato (Paredes, Porto), as já conhecidas Molaflex, Cifial e Recer, a Lusotufo (alcatifas, Ovar), a Amorim Cork (Santa Maria da Feira), a Costa Verde (porcelana, Vagos) e a Lasa (têxtil lar, Guimarães). Juntas, estas empresas são uma superpotência do ramo da hotelaria mundial. Nas suas viagens pelo mundo, é muito provável que o dinamarquês durma em quartos pensados e construídos em Portugal. Existem outros fenómenos semelhantes ao longo da estrada que percorremos: a Derovo (Pombal), uma cooperativa de produtores de ovos que se tornou no maior produtor ibérico deste produto, ou a Portugal Fresh (Região Oeste, frutas e legumes). Mas estas associações são todas recentes. Há muito caminho pela frente. ●

► calças muito provavelmente foram feitos pela Louropel (Famalicão), líder mundial na produção de botões e a única fábrica do mundo com botões ecológicos patenteados; debaixo do fato é provável que ele use cuecas fabricadas pela Impetus (Barcelos), grande marca mundial de roupa interior masculina.

#### **O contraste de Lisboa**

A esmagadora maioria dos jornalistas e comentadores de Lisboa jurava a pés juntos que a coligação PSD/CDS nunca iria vencer as eleições de 2015. Era impossível, dizia-se. Contudo, o impossível tornou-se possível e, na noite de 4 de outubro, todos percebemos que existia um abismo entre o país real e o país mediático. Grande parte do país não encontra representação nos jornais de Lisboa. Durante os anos da *troika*, a imprensa só nos mostrou o país antiausteridade, que recusava mudar de vida no sentido das exportações; só vimos e ouvimos manifestações antigoverno. Mas de repente quase 40% dos eleitores reelegeram Passos e Portas. “Mas de onde vem esta gente?”, terá sido a exclamação indignada de muitos na noite de 4 de outubro. De onde vêm? A resposta está sobretudo neste Norte Atlântico, a casa clássica do eleitorado de centro-direita, um eleitorado que, sem nunca ter lido Adam Smith, é instintivamente liberal. Este Norte é a nossa sorte e sem ele estaríamos num buraco sem fundo semelhante ao da Grécia.

Quando eu estava quase a acabar esta viagem virtual através de centenas de recortes de jornais acumulados ao longo dos anos, o caderno de economia do *Expresso* revelou os investimentos projetados no âmbito do Portugal 2020. O mapa dos investimentos acima dos cinco ►

Não foi o país que viveu acima das suas possibilidades. Lisboa é que viveu e continua a viver acima das possibilidades do país. Agora, para recuperar algum do respeito perdido, a região de Lisboa só tem dois caminhos: ou importa menos ou exporta mais

► milhões sublinha na perfeição o percurso geográfico que aqui esbocei (ver gráfico nestas páginas). Em primeiro lugar, é bem visível o tal preâmbulo na emergente zona oeste, com alguns investimentos em Torres, Marinha Grande, Leiria e Ourém. Em segundo lugar, é claríssimo que a esmagadora maioria dos investimentos surge na faixa entre Aveiro e Viana do Castelo. Em terceiro lugar, a explosão nortenha começa na fronteira que desenhei logo no início do texto: a Bairrada, nomeadamente Águeda.

A pergunta então só pode ser uma: porque é que este país de indústria e exportações não aparece mais vezes nos *media*? Porque é que não vemos mais vezes esta região de altíssima competência industrial, plenamente integrada no comércio global através dos Portos de Leixões e Aveiro e que foi fundamental na salvação do país através do aumento exponencial das exportações que equilibraram a balança comercial? A meu ver, a resposta passa pelas duas grandes narrativas que dominam o discurso público em Portugal: o neorealismo e o queirosianismo.

O neorealismo impôs há muito a figura do empresário explorador. Em 2016, as nossas televisões continuam a seguir o guião de Manuel da Fonseca e Manuel Tiago. Só mostram a vida das empresas na hora da falência e do conseqüente despedimento. Toda a gente sabe de cor o guião: o repórter aparece à porta da empresa e limita-se a ouvir a indignação do delegado sindical; desta forma, cria-se a ideia de que os empresários são sempre incompetentes ou tralfulhas. É como se a pobreza fosse sinónimo automático de bondade e a riqueza sinónimo de perversidade. É como se uma empresa não pudesse ser um

corpo intermédio essencial da sociedade, é como se a empresa só pudesse ser um vil mecanismo de exploração. É por isso que muitos nunca aceitarão como legítima esta minha viagem, considerando que estou apenas a bajular o capital. E também é por isso que a imprensa de Lisboa raramente dá destaque às preocupações dos empresários do Norte: a falta de crédito disponível (os bancos privilegiaram e continuam a privilegiar os sectores não transacionáveis da corte) e a falta de mão-de-obra especializada, ora devido à falta de cursos profissionais, ora devido à falta de ética de trabalho de muitos portugueses. Luís Onofre não podia ser mais claro a este respeito: “Como é que é possível haver tanto desemprego no país e as pessoas não quererem trabalhar?” Onofre e muitos outros empresários destes sectores exportadores pagam acima da média, e mesmo assim não conseguem preencher as postos de trabalho disponíveis.

Em Lisboa, os jornalistas não fazem eco deste problema e os burocratas do Ministério da Educação e diversos ministros resistem à ideia do ensino profissional. Na Alemanha, o ensino profissional é uma via que recebe cerca de metade dos alunos. É uma coisa normalíssima. Em Portugal parece que é “fascismo” ou *apartheid* social. Por outro lado, a imprensa também nunca faz eco de decisões como a de Alfredo Figueiredo, que recusou deslocalizar a produção da Impetus para a Ásia devido à preocupação com as centenas de operários que dependiam da fábrica de Barcelos. A Riopole também recusou a deslocalização devido ao papel que a família proprietária (família Oliveira) tem na freguesia de Pousada de Saramagos (Famalicão). Na Alemanha existe uma tradição intelect-

tual que exalta esta responsabilidade social do empresário. Em Portugal, semelhante perspectiva é pecado mortal.

O queirosianismo, por sua vez, impôs a visão de Portugal como um país subdesenvolvido, atrasado e sem capacidade para grandes saltos industriais. É a retórica da choldra que eu fui criticando ao longo desta viagem. Como alguns embaixadores estrangeiros têm notado, os portugueses são provavelmente o único povo do mundo que fica incomodado com o sucesso do seu próprio país, sobretudo se for um sucesso baseado em alta tecnologia. O sucesso do Queijo da Serra, dos sapatos ou do vinho não incomoda, porque remete para um imaginário onde o queirosianismo auto-depreciativo se sente bem – o imaginário do atraso bucólico. Já o sucesso de uma indústria aeronáutica ou de *software* já não encaixa nas autopercepções portuguesas.

Quando se juntam, neorealismo e queirosianismo criam o único arquétipo de empresário que existe na nossa cultura: a empresário à Espírito Santo, o aristocrata que vive encostado a negócios protegidos pelo poder político. Os escândalos recentes (BES, PT, BCP, BPN) revelaram de facto uma camarilha lisboeta que vivia ou vive da promiscuidade entre política e negócios. Contudo, isto não nos deve cegar em relação a um ponto: os Espírito Santo nada têm que ver, por exemplo, com os Violas, com Henrique Neto, com Fortunato Frederico (Kyaia, gigante do calçado) ou com Alberto Figueiredo. Estes homens do Norte criaram a sua fortuna, não nos favores da capital, mas sim na dura competitividade dos mercados internacionais.

A diferença entre o empresariado da corte e o empresariado do Norte tem uma longa história. Num dos grandes livros de

## NÚMEROS

# 44%

é o peso do Norte nas vendas do país ao estrangeiro, importando muitíssimo menos do que aquilo que exporta

# 12%

é quanto representam as vendas ao estrangeiro da grande região em torno de Aveiro

# -10

mil milhões de euros é o défice comercial de Lisboa, o município que menos bens exporta em relação aos que importa

# 1700

milhões é quanto exportam os 150 mil habitantes de Famalicão. Com o dobro da população, Loures e Vila Franca exportam pouco mais de metade das mercadorias

história dos últimos anos, *Estado Novo, Democracia e Europa (1947-1986)*, Nicolau Andresen Leitão venceu a diferença entre os magnatas lisboetas, que viviam à sombra dos favores de Salazar em Portugal e em África, e os empresários nortenhos, que já estavam ligados às exportações para os mercados europeus. Eram duas culturas radicalmente distintas. Não por acaso, uma associação empresarial do Norte, a Associação Industrial Portuense, foi a líder do europeísmo em Portugal: não defendia apenas a entrada na EFTA ou os acordos comerciais com a CEE, também defendia a entrada política de Portugal na CEE. Se recuarmos até ao século XIX, encontramos a mesma divisão cultural. Na sua *História de Portugal*, Rui Ramos revela que no século XIX o Nordeste Atlântico era uma área com uma vida própria. O Porto era mais pequeno do que Lisboa, mas a população total do seu distrito era equivalente à do distrito de Lisboa (92 mil fogos para 102 mil) e tinha um trânsito mais intenso nas estradas; escoava o Vinho do Porto e tinha cerca de sete mil operários nas suas fábricas de algodão; se Lisboa deu sinais de decadência até 1879 (ruínas, prédios inacabados, epidemias de tifo, cólera e febre amarela), o Norte livrou-se mais cedo deste postal apocalíptico gerado na primeira metade do século e foi sempre mais próspero, dominando a produção de cereais panificáveis, de vinho e de gado bovino. Menos dependente do comércio colonial, o Norte ganhou importância no contexto pós-Brasil: pelo Porto passava 21% do comércio externo em 1800; em 1854, o número já estava em 44,7%. A outro nível, o Norte Litoral tinha ainda o centro religioso (Braga), mais fidalgos e padres e uma taxa de alfabetização superior à de Lisboa. Ine-

vitavelmente, esta foi a zona do país que mais reagiu à governação de Lisboa, com tumultos religiosos e fiscais. O Porto era a cidade dos mercadores e mesteiros, que produziam e exportavam riqueza para a Europa, desconfiando quase por instinto da corte e da nobreza.

Desconfiança, essa, que perdura. Manuel Serrão afirma o seguinte: “O que existe é que há um país inteiro que trabalha e faz os descontos e depois é em Lisboa que se decide onde se gasta esse dinheiro. Isso é que não pode ser.” Esta indignação nortenha é mais do que justa, sobretudo quando olhamos para os números da balança comercial. O Norte representa quase metade (44,3%) de todas as exportações nacionais e, além disso, importa muitíssimo menos do que aquilo que exporta. Por sua vez, os números de Lisboa são um absoluto desastre. Não foi o país que viveu acima das suas possibilidades – Lisboa é que viveu e continua a viver acima das possibilidades do país. Agora, para recuperar algum do respeito perdido, a região de Lisboa só tem dois caminhos: ou importa menos ou exporta mais. Para exportar mais, a minha velha terra, entre Sacavém e Vila Franca de Xira, não pode continuar adormecida. Neste momento, o meu velhinho concelho de Loures só contribui com 440 milhões de euros para as exportações e Vila Franca de Xira avança apenas com 554 milhões. É pouco. Com 336 mil habitantes, Loures e Vila Franca valem 984 milhões nas exportações. Só com 150 mil habitantes, Famalicão vale 1700 milhões. Sim, em Loures há coisas interessantes, como a Hovione ou a nova Covina, que se chama Saint-Gobain Sekurit. Mas é pouco, sabe a pouco. Estas fábricas são migalhas da mesa do passado. Do meu passado, pelo menos. **E**

## 28 O Norte é a nossa sorte

O Norte Atlântico, entre Aveiro e o Minho, é o nosso espaço tocqueviliano por excelência. É lá que existe uma genuína pulsão empreendedora que se traduz na hegemonia do Norte sobre o sector que nos poderá salvar: os bens transacionáveis destinados à exportação. Sem este Norte, Portugal não seria viável enquanto nação



